

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO \$20 — AFRICA \$25 — ESTRANGEIRO \$40

N.º 21 (111) — 5-8-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO
CORR.: APARTADO 17—PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

Os processos de govêrno...

Os governos, todos os governos, não diferem, entre si, nos processos infamísimos de esmagar os seus adversários. Quere êsses governos sejam monárquicos ou republicanos, socialistas ou bolxevistas, a sua linguagem é sempre a mesma; as suas maquinações, por meio dos órgãos que os apoiam e conservam, são sempre idênticas.

A grande e única base em que os governos se estribam, é a mentira elevada à categoria de verdade indiscutível. Porque a filosofia e a sciência governamentais—quere o programa do partido que manda seja reaccionário como o de Mussolini, quere seja radical como o de Lénine—assentam nos mesmos desejos, nos mesmos interesses, nas mesmas ambições: atravancar tudo, sobrepôr-se a tudo, para reduzir à impotência os adversários, por mais sinceridade e lealdade que êles apresentem na discussão dos problemas.

Na nossa curta história de regime republicano vamos encontrar, com uma nitidez que cega os mais scépticos, a confirmação desta teoria. Para degradar, ultrajar, caluniar os seus adversários, os governos republicanos nunca se importaram de misturar alhos com bogalhos, no intuito soez de levarem de vencida os seus capríchos mais estapafúrdios. Haja em vista o ataque premeditado à Casa Sindical e a campanha que se lhe seguiu, para desprestigiar, no conceito público, os militantes e a organização operária!

Se a mentira, elevada à categoria de verdade, não constituiu-se a arma precípua dos governos, como é que eles teriam a coragem de acusar uma e outros de vendidos aos mo-

nárquicos para derrubarem a República? E, todavia, tôda-a-gente viu e observou a montanha de calúnias, de infâmias, que os governos de então acumularam, para se verem livres de adversários que apenas procuravam demonstrar o valor das suas doutrinas, das suas ideias...

Ora êste fenómeno, é o mesmo em tôda-a-parte. Na Rússia, como na Espanha, nos Estados-Unidos, como na França, caluniam-se, infamiam-se, degradam-se, os adversários do govêrno, unicamente para satisfação de ambições pessoais, unicamente para prestigiar êsse papão—o Estado... Ah! quantas criaturas teem sido assassinadas, inocentemente, devido aos projectos sinistros dos homens de govêrno! Ah! quantos individuos teem sido caluniados, desonrados, devido à acção nefasta dos pomposos e orgulhosos ministros de Estado!...

Ainda agora acaba de ter o seu desfecho, no tribunal do Sena, o chamado processo Judet. E que processo! As suas peças reflectem, dum modo que não admite contestação, tudo quanto vimos afirmando. Os nossos leitores talvez já não se recordem desse *affaire*. Mas nós vamos elucidá-los.

Em plena guerra europeia, quando Clemenceau, o Tigre, governava a França, desenvolveu-se, por tôda-a-parte, a monomania dos traidores a soldo da Alemanha. Pela nossa porta também passou essa onda de lodo, estravasada por criaturas cuja moralidade não ia além da moralidade do *souteneur*. Nós, porém, pouco nos incomodamos com isso, e continuamos na nossa obra imperturbável de combate à guerra e aos guer-

ristas, às ficções e aos preconceitos...

Num dado momento começaram os prelos a gemer. Clemenceau tinha descoberto uma larga conspiração na França, conspiração orientada pela Alemanha, sendo Judet, o director do *Eclair*, o chefe, o «general» dêsse movimento. E para confirmar a asserção, publicavam-se documentos *comprometedores*, documentos autenticos, documentos preciosos! Judet passou a ser o maior traidor à França, porque, a trôco duns míseros vintens, queria vender, ao Kaiser, os seus concidadãos!

O côro de maldições contra êsse homem atingiu proporções imensas. O govêrno falava; os seus órgãos repetiam as palavras dele, acrescentando alguma coisa por sua conta e risco. E a imprensa, em vez de desvendiar o mistério, colocou-se incondicionalmente ao lado do Tigre! Infeliz imprensa...

Decorrem os anos. Judet, aparece à barra do tribunal. O processo é analizado, esmiuçado, pulverizado. E, por fim, descobre-se que todos os documentos eram falsos! Que Clemenceau, tendo ao seu serviço uma policia especial, a encarregára de liquidar êsse seu adversário que o tinha atacado, noutros tempos, chamando-lhe o homem da Inglaterra—apresentando-o como traidor, como vendido à Alemanha! E o tribunal absolveu Judet dos crimes que Clemenceau lhe imputou...

Neste episódio vamos encontrar, portanto, bem clara, bem nítida, bem convincente, a maneira como os governos procuram liquidar os seus adversários. E certo que, politicamente falando, todos os homens valem o mesmo: hoje são uns que acusam; amanhã serão os outros. Clemenceau, acusando Judet de traidor à França, encontra-se no mesmo plano de Trotsky, acusando Makno de *anarco-bandido*! O processo é o mesmo, porque é o processo governamental; e o processo governamental constitui a principal razão de Estado!

¿Que fazer, então? Combater todos os Estados e todos os Governos. Só assim os homens serão livres; só assim os homens serão verdadeiramente irmãos...

ALFREDO GUERRA.

A excursão à Póvoa e Vila do Conde

Conforme anunciamos, realizou-se, no último domingo, esta excursão, promovida pela Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores. O passeio foi um dos mais agradáveis a que temos assistido, não só pela franca harmonia que se estabeleceu entre todos os excursionistas, como pela excelente propaganda que se fez.

A sessão de boas-vindas constituiu uma bela sementeira das ideias sindicalistas revolucionárias, ficando o povo trabalhador da Póvoa e de Vila do Conde muito bem impressionado.

O jornalzinho do Grupo de Propaganda Libertária, do Porto, foi muito bem aceito; vendendo-se largamente.

Congratulando-nos com o sucesso da excursão, felicitamos a sua Comissão organizadora. Passeios assim são muito úteis e necessários, porque deixam, atrás de si, alguma coisa de concreto, de positivo: a semente duma propaganda sã, duma propaganda sincera e honesta que tem um alto objectivo—a emancipação da Humanidade que trabalha e que sofre.

Durante o trajecto, e mesmo na Póvoa e Vila do Conde tiraram-se algumas quêtes a favor dos ourives de prata, em greve.

A mesma Comissão prepara já um grande festival noturno, que se realizará no próximo mês de Setembro, no Palácio de Cristal, revertendo o produto líquido para o mesmo fim desta excursão.

DE LONGE...

As mentiras da Igreja

Lançando uma vista imparcial ao progresso da arquitetura nestes últimos tempos, podemos comprovar que em quase tôdas as cidades, grandes e pequenas do Brasil, o que mais chama a atenção do apreciador curioso, é a construção quase permanente de *novos templos*, católicos uns, protestantes outros. Porém, os primeiros conservam ainda a sua grandesa tétrica sobre os segundos.

Ali, onde só existem meia dúzia de choupanas asquerosas, onde a verdadeira família brasileira se gesta e degenera — ali também como um miserável contraste à pobreza material do lar — ergue-se, no entanto, uma lúgubre capela com a imagem do Cristo, eterno flagelo dos pobres e fonte de ouro do clericalismo, como afirmação e complemento da outra pobreza — a pobreza espiritual. Os padres não respeitam a miséria alheia — fomentam-na, levando às mais longínquas paragens a imagem do Rabbi...

Nas grandes cidades, então, mais evidente ainda a grandesa dos templos, que parecem desafiar as aves, na conquista das alturas, com suas veletas e torres elevadíssimas. Se penetrarmos no interior desses templos, veremos que, muitos deles são de um valor extraordinário — acumulando alguns verdadeiras fortunas em joias de reconhecido mérito; vestidos finíssimos que jamais uma operária pôde vestir, vê-los-emos ali, cobrindo um pedaço de pau — disforme na maioria dos casos — enquanto à porta do templo uma velha mãe, semi-nua, implora a mendicidade em nome de um «Santo» que, lá dentro, está vestido de ouro e pedras preciosas.

Ironia infame!

A miséria de milhares de gerações está ali encerrada, esperando que uma rajada de luz destrua de vez a nebulosa que escurece a consciência humana.

O Cristo da lenda católica ao expirar achava-se tam pobre que só tinha a túnica que lhe cobria o corpo; o seu tesoureiro vendia o seu mestre por «trinta dinheiros», tal era também a sua situação financeira... Os apóstolos, todos morreram pobres; porém, os seus sucessores — *Papas, cardeais, bispos, arcebispos, curas e caterva* vivem numa abundância oriental, só comparada àquela de que falam os célebres contos — *As mil e*

uma noites. Em verdadeiras orgias, derramam em finos licores o suor do povo por êles enganado e roubado através os vinte séculos de cristianismo obscuro...

Custa crer na passividade com que os homens de ciência e os juízes do Estado contemplam estas misérias. Se a um homem que cometeu um «crime», roubando um pão, o mandam anos para a cadeia; se a um operário que pensa livremente o expulsam dum país; se a um outro que chama ladrão ao vizinho lhe exigem provas e, caso não satisfaçam a «justiça» êle vai à cadeia purgar o delicto; se um *contista do vigário* engana outro homem, mentindo, é condenado; se, numa palavra, a mentira é uma acção que degenera a moral humana, ¿porque não se condena o clericalismo, depois de comprovados os seus roubos, os seus saques, as suas mentiras enormes, transcendentais? ¿Porque não se exige que prove o que afirma em sermões, em suas missões, em seus templos seculares?

«Sem o baptismo o ser humano não pode entrar no reino dos ceus»; no entanto o baptismo é preciso pagá-lo; os mortos que vão para o purgatório não podem sair dali, sem dar um sem número de missas para aquele fim, embora êsse dinheiro das missas seja roubado.

A Igreja tudo promete; tudo afirma: ¿Onde estão as provas de tanta canalhada? ¿Quem já garantiu que visse sair alguém do purgatório, e o que é o purgatório? — Se um grupo de indivíduos, por exemplo, médicos, afirmasse que descobriu um poderoso antídoto para que ninguém morresse envenenado e isso não fosse verdade, não intervinha a censura pública, contra eles? ¿Não seriam atacados pela própria imprensa, como há pouco ainda o foi um sábio alemão, em S. Paulo?

E, no entanto, a própria imprensa mercenária publica sempre colunas e mais colunas de reclames religiosos, divulgando a mentira, afirmando-a e enganando miseravelmente o povo!

Porque — repetimos — não se exige ao clero que prove o que prega em público, pois do contrário êle deve ser condenado pelos tribunais modernos pelo delicto de *envenenamento, fraude, roubo, conto do vigário, calúnia, falsificação, abuso de confiança, etc., etc.*

Ora: se Galileu, Bruno, De La Barre, Ferrer e tantos outros foram condenados pelo clero por afirmar verdades que hoje

já foram comprovadas pela ciência, ¿porque não se condenam êsses homens que, há vinte séculos, não puderam provar ainda uma só linha do que teem afirmado publicamente?

Julgamos de utilidade êsse problema; aos sábios e juízes do povo incumbe pedir contas a êles de tantas e tam graves culpas.

FERNANDES VARELA.

Pró Nunes Canha

Do nosso camarada Felisberto Batista recebemos a quantia de 50\$00, parte duma quete tirada em Braga para Nunes Canha. Para a próxima semana publicaremos os nomes dos subscritores bem como a restante importância.

A questão

do inquilinato

Na última segunda-feira, realizou-se, no largo de S. Crispim, um comício público, que tinha por fim apreciar, mais uma vez, a magna questão do inquilinato. Em síntese, quase todos os oradores, posto que pertencessem a diferentes escolas sociais, foram unânimes em aconselhar o povo a resistir heróicamente às extorsões dos senhorios e às patifarias das autoridades que se mancomunam com êles para conseguirem os seus infamíssimos intentos.

A nós, conquanto houvesse uns *senões* nalgumas passagens dos oradores políticos, daqueles oradores que ainda imaginam que o povo há-de vir a ser feliz com a acção do Estado — agradou-nos sumamente a orientação puramente revolucionária que, ali, foi aconselhada. Na verdade, o povo não é ouvido, porque ainda se conserva de joelhos; mas, no dia em que êle se puser em pé, e fale clara e abertamente, será logo atendido.

Em sua maioria, os oradores pautaram as suas palavras, repassadas de justiça, por êste postulado. E, na alma dos assistentes, que eram em avultado número, sentia-se, nitidamente, o desejo de agir em harmonia com êle. E' que as massas populares fartas de sofrer infâmias e arbitrariedades de tôda a ordem, já nada esperam dos poderes constituídos, desde

os poderes centrais até aos poderes fraccionários. E não esperam, porque a cartilha que serve para uns, serve para outros; e a sociedade, ou o Estado capitalista, só forçado é que cede as coisas a quem necessita delas.

Pois bem: o povo que proceda revolucionariamente em todos os actos em que procuram esbulhá-lo dos seus direitos e das suas regalias, e verá como a face das coisas se mudará *milagrosamente!*

Ao menor alarme de despejo, proceda como alguns dos oradores do comício de segunda-feira o aconselharam, mas isso «sem medo nem pavor». E, nessa altura, não só os senhorios encolherão as suas garras de tigre, como as autoridades procurarão imediatamente salvar... a farpela, deixando que uns se entendam com os outros.

A acção é tudo; o pedido não representa nada.

Fiêmo-nos, pois, na acção, e com certeza havemos de resolver o problema do inquilinato e os outros problemas que andam ligados a êle, embora tenhamos de transformar completamente a sociedade, o que já tarda...

ANTOLOGIA

O que é o Estado

O Estado é uma espécie de máquina, por meio da qual as classes dirigentes oprimem os povos. Para a fazer funcionar é necessário que haja sempre uma classe dirigente e uma classe oprimida. Constituída de modo a gerar opressão, é impossível esperar dela frutos de liberdade. Tanto mais que o Estado não é uma máquina, feita de matéria inerte que, como o martelo, a lima, etc., se pode adaptar, dalgum modo, a um uso distinto daquele que lhe deu origem. O Estado é formado por homens vivos, homens que teem os seus interesses, as suas paixões, os seus defeitos humanos, etc., os quais, uma vez que se lhes confiou o poder supremo sobre tôda a colectividade, colocar-se hão, graças ao auxílio dêste mesmo poder, numa situação privilegiada; e, por meio do poder, terão de perpetuar as suas funções, criando em tôrno de si a classe dirigente com os seus diferentes órgãos — policia, magistratura, funcionalismo, etc. — que constituem a principal razão de ser do próprio Estado.

Luis FABBRI.

ESTADOS de ALMA

Do livro de Maurício
«Aux Pays des Soviets»

É curioso constatar como os delegados que não eram fanáticos, cegos—havia alguns desta espécie—e que, na maior parte, eram homens inteligentes, reflectidos e conhecedores das questões sociais, passavam, com a mais extrema rapidez, do entusiasmo ao desânimo.

Factos, algumas vezes anódinos, impressionavam a nossa imaginação e faziam-nos admirar, ou maldizer, o comunismo bolchevista. Eu penso que só depois de muitos meses, e depois de se ter aprendido, pelo menos sucintamente, a língua russa, é que se pode formar uma opinião precisa sobre a revolução.

Nas primeiras semanas, muitas coisas nos impressionavam ao mesmo tempo, mas de que não apreendíamos senão a aparência e não as determinantes profundas; muitas coisas caóticas e contraditórias.

Os impulsivos reagiam violentamente. Raimundo Lefèbvre voltava dalgum jardim de crianças, dalguma escola modelo: estava maravilhado, não sabia como pintar-nos as belezas deste regime: «É admirável, repetia ele, com grandes gestos, é admirável». Mas Lepetit chegava furioso, e interrompia o entusiasmo.

«Este regime é ignóbil,—rugia ele com a sua voz de baixo, cujo timbre de órgão subia no ar como um imprecação,—eu chego duma fábrica, sabeis vós, o que observei? Bem! em cada fábrica há um posto de polícia e uma secção de Tcheka para vigiar os operários.»

Nós tomávamos notas. A escola modelo era tam admirável como a tinha descrito Lefèbvre, mas era a única na Rússia, e contava 63 alunos: era unicamente um pequeno local de experiências pedagógicas.

A Tcheka está nas fábricas mas a sua missão consiste em vigiar os directores e engenheiros, cuja origem é muitas vezes burguesa, afim de evitar a sabotagem, para reprimir os roubos feitos à colectividade, e para verificar se os regulamentos são bem applicados; a polícia está, pois, na fábrica como uma ameaça contra os operários ratoneiros, e como uma salvaguarda contra os abusos dos directores.

O entusiasmo de Lefèbvre e a indignação de Lepetit reduziam-se assim a proporções ra-

zoáveis. Acontecia o mesmo com tôdas as outras coisas. Assistia-se a fenómenos de endosse psicológica inteiramente curiosos.

A maior parte dos delegados tinham sofrido muito para chegar à Rússia Lefèbvre, Lepetit, Vergeat e Toubine tinham embarcado em Antuérpia, num comboio de prisioneiros russos; durante perto de 15 dias viveram numa promiscuidade verminosa, dormindo todos vestidos no convés, sem mesmo uma cobertura, comendo uma alimentação infecta: legumes avariados e carne estragada, obrigados a ocultarem-se, para falarem entre si, com receio de que a sua identidade fosse descoberta, guardados como estavam por soldados ingleses, severos e brutais. Lefèbvre era um ferido de guerra; Lepetit era tuberculoso; e Vergeat tinha sofrido uma dolorosa operação no estômago; só os tinha sustentado a sua fé revolucionária, a sua esperança de ver a terra prometida da revolução.

Borghi tinha feito a viagem, escondido na chaminé dum vapor «Eu não sei como não rebentei,—contava ele,—com o seu inimitável acento. Estava defumado como um presunto».

O americano João Reed tinha sido detido na Finlândia, onde passou três meses numa célula sombria, fria e húmida, tendo unicamente, por dia, e para comer, um pouco de peixe cru.

Luiza Bryant navegou dôze horas no oceano glacial; depois, perseguida pela policia, ocultando-se de dia, e marchando de noite, chegou enfim ao território dos Sôvietes; os vestidos em frrapos, morrendo de fome, de frio e de miséria.

Outros delegados tinham chegado da Alemanha, da Austria, da Noruega, etc...

A sua viagem era o êxodo do Egipto, a fuga dolorosa pelo deserto do Sinai capitalista para a terra sagrada de Canaan.

Iam, por entre tôdas as dores, com a fé dos eleitos, para o país de ouro prometido pelos profetas.

E eis que a terra prometida era tam árida como o deserto de Judá. Moisés antes de morrer, tinha somente entrevisto, do alto dos montes, o país benedito da Galiléa...

Os delegados julgavam ver o comunismo irradiante, a criança viva e gloriosa dos seus sonhos; mas esta não era sequer uma criança, apenas um esboço, um ensaio, um embrião, um feto informe. Sabiam bem que o nascimento dos mundos é, como todos os nascimentos, uma coisa sangrenta e feia,

mais viam apenas o recém-nascido, e não podiam dizer se êle vingaria! Segundo os dias e os aspectos múltiplos deste parto difícil, êles declaravam que a criança seria bela, que seria o Messias anunciado pelos livros sagrados, que levaria ao mundo sofredor a palavra divina da redenção, ou, ao contrário proclamavam que a Rússia tinha dado à luz um monstro.

Os factos, em si mesmo, não tinham muita consistência e homogeneidade para serem evidentes e definitivos; era preciso intepretá-los, e cada um fazia-o, segundo o seu temperamento ou a sua disposição de espirito. E, depois, o homem tem sempre tendência para o exagêro.

Recordo-me do dia em que levei ao Dielovoid Dvor um documento muito importante, referente ao modo de eleição nos sôvietes; êste documento era a prova oficial do monopólio do Partido Comunista sobre os órgãos do poder.

Lefèbvre estava aterrado: «Em nome de tôda a nossa propaganda em França, conjuro-vos a não publicar êste documento».

—«Em nome da propaganda, em nome da revolução, em nome da verdade, gritava Lepetit, é preciso publicá-lo».

Eu publiquei-o, mas foram-me precisos dezoito meses para o compreender, e poder explicá-lo.

Coisa bastante curiosa, quando abandonou Moscôvia, após dois meses de Rússia, Raimundo Lefèbvre estava muito desmoralizado; o entusiasmo que tinha trazido de Paris tinha-se desfeito como um creme; e, liquiffeito, corria por êle com um ribeiro de desilusões. Ele não dizia nada; estava pensativo e triste; a realidade tinha chocado, com o seu brutal contacto; esta alma delicada e êste ardor muito juvenil, pareciam envenenados pelo cadáver dos seus sonhos mortos.

Rictus exprimiu êste estado psicológico num verso expressivo e brutal:

Les amours difunts puent le rat crevé (os amores defuntos cheiram a rato morto).

Ao contrário, Lepetit que, nos primeiros tempos, se espalhava em violências contra os bolchevistas, tornou-se mais sereno e mais favorável à Revolução russa. Anarquista-sindicalista era êle à chegada, anarquista-sindicalista era êle à partida—mais do que nunca, posso eu dizê-lo—; mas se êle reprovava os métodos autoritários e centralistas, prestava justiça aos esforços revolucionários. Os métodos podem ser maus, os

homens podem enganar-se, mas o fim almejado e a sinceridade das convicções pesam também alguma coisa na balança. Se os comunistas russos extorquiram os Sôvietes, e emmudeceram a voz dos seus adversários, se a sua ditadura e a sua hegemonia política demonstraram pelo facto a impotência e a nocividade do Estado, mesmo proletário e socialista, a Revolução russa não deixa de ser o maior reviramento social, que os homens teem conhecido.

A Revolução russa pôs, não na teoria, mas no domínio dos factos, o problema do comunismo, mostrando, pelos seus próprios êrros, aos trabalhadores do mundo inteiro, o verdadeiro caminho a seguir.

Com o seu sangue e os seus sofrimentos, os nossos irmãos russos procuraram, no meio das dificuldades mais espantosas, forjar o mundo de amanhã: o reconhecimento universal deve dirigir-se para êles.

«A Rússia, disse Bukarine, é o laboratório gigantesco, onde se elabora a nova química social».

Não devemos permitir que o capitalismo mundial incomode esta química, e perturbe as combinações: eis o nosso primeiro dever. O segundo é inclinarmos-nos sobre êste cadinho, e descobrir, entre as escórias, o ouro das verdades novas.

Seria leucura pretender, que não há aí nada. Estudamos detalhadamente, na «Verdade sobre os bolchevistas», tôdas as teorias e as realizações da Rússia contemporânea e para aí enviamos os nossos leitores. Aqui sob a forma de narração dos factos quotidianos da vida russa, nós penetramos nos arcanos da psicologia eslava; notamos as características, as modalidades, o grau de evolução e poderemos assim distinguir o que na revolução, é especificamente russo, e o que deve servir para a experiência mundial.

Deixando Moscôvia, Lepetit e Vergeat tinham compreendido isso; e era por isso, que êles estavam tranquilos e serenos. O destino cruel e estúpido não permitiu, que êles amadurecessem estas verdades entrevistadas. A minha consolação é que eu tenho a certeza, de traduzir nestas páginas, um pouco do pensamento dêles.

Porque não creio em Deus

Preço: 1\$00, pelo correio 1\$10
A VENDA NESTA REDACÇÃO

LITERATURA

MORTE... ¿ E DEPOIS ?

A Mário Dias Coimbra

¿ Que hav'rá depois da morte? — Em vão hei preguntado ao Sol, à Terra, à Lua, ao 'spaço ilimitado.

¿ Haverá, além da campa, acaso, um outro mundo, onde haja, como aqui, gente de carne e osso? um mundo vil, perverso, ignóbil, tórpe, imundo, um mundo como o nosso?

¿ Ou um mundo melhor — o ideado pela Crença onde os cultores do Bem, terão a recompensa, e os sectários do Mal, padecerão o eterno, horrendo e atroz suplício: — as chamas dum Inferno?

— Mistério?

P'ra além da campa, enfim, do túmulo funério não conseguin, ainda, o «sábio» penetrar...

Em vão hei preguntado ao Sol, à Terra, ao Mar: — Morte... ¿ e depois?

...Ninguem me sabe reponder.

Mistério !...

Mas a mim sempre me quer par'cer, que além da Morte horrenda existe a seiva: o Nada que faz surgir da terra as coisas aos milhões, ...e que a matéria humana a um tempo é transformada,

em batatas, arroz, ciprestes ou melões...

Coimbra, 17-1-923.

ROBERTO BARRETO PEDROSO.

Arteirice dos padres...

DUAS CONFISSÕES

I

Alcova luxuosa e tôda entapetada; leito sumptuoso com roupas finísimas; luz tamisada; ambiente perfumado; ricas cadeiras de veludo. No quarto pegado percebem-se tímidos soluços e gemidos. Entra o confessor.

— ¿ Como vai isso, meu filho?

— Ai, padré, muito mal, Estou irremediavelmente perdido.

— O caso não é para tanto. Padecendo da mesma enfermidade, tem-se curado muitos indivíduos, que andam fortes e são por essas ruas. E para que lhe suceda a mesma coisa, pedi eu a Deus com muita devoção. Mas, enfim, o senhor é um bom cristão e não tem medo dos sacramentos que dão saúde

à alma e muitas vezes ao corpo. Poderia citar-lhe mil casos.

— Sim, padre, sim. Quero confessar-me: tenho um grande pêso na consciência. ¿ Ouvir-nos há alguém?

— Ninguê, a não ser Deus e eu, que o represento. Príncipe.

— Padre! Tôda a minha vida fui um grande pecador. Não houve infâmia com que não me tivesse manchado. Difamei, perverti mulheres, causei a ruína de muitos inocentes. Apoderei-me de bens que não eram meus... ¿ Como apresentar aqui a longa lista de todos os meus crimes? Queria, neata confissão — a única confissão sincera que faço durante a minha vida — descrever-lhe todos os horrores da minha existência; mas não posso: por tôda a parte só

vejo sombras, manchas negras e sinistras. ¿ Como hei-de limpar, num quarto de hora, trinta anos de contínuo pecado? Oh! meu Deus, que tristeza!

— Não se aflija. Nestes casos, a Igreja dispensa a integridade da confissão. Compreendo que o senhor tenha cometido faltas: era jovem, rico, educado no meio duma sociedade corrompida...

— Mas é que...

— Nada, nada, esteja tranqüilo. Vejo que o senhor está arrependido; e eu, em nome de Deus, perdôo-lhe todos os seus pccados e abro-lhe as portas do céu.

— ¿ Sem pagar os danos?

— O arrependimento paga-os. A misericórdia de Deus é infinita e alcança-se com boas obras.

— Ah! padre! que feliz me faz. No meu testamento, recordei-me dos senhores: cedo-lhes as minhas hipotecas de Robledo, as casas da Encina, e...

— Bem, bem: descance e até logo. Pense que Deus o espera, de braços abertos.

A' saída, a família rodeia pressurosamente o padre e pergunta-lhe:

— ¿ Confessou-se, padre?

— E' um santo...

As senhoras prorrompem em soluços, e os homens entreolham-se comovidos.

II

Sala dum hospital com duas largas filas de camas; pavimento frio, húmido e todo manchado; leito pobre, com roupas remendadas: luz irritante que penetra por grandes janelas; cheiro forte a ácido fénico; junto a cada cama, uma cadeira de vime. Nos leitos do lado ouvem-se gemidos, tosse, suspiros e soluços abafados.

Surge uma irmã da caridade, seguida dum padre a fumar um optimo charuto.

— E' este o enfêrmo que se quer confessar. Não se entretenha muito que ainda faltam sete. Até logo... e seja feliz.

— Vá com Deus, senhora Tibúrcia.

O padre senta-se na cadeira, longe o mais possível do doente.

— Vamos a ver: ¿ que tripa lhe arrebentou?

— Queria confessar-me padre. As senhoras *Irmãs da Caridade* dizem-me todos os dias que a confissão é necessária. Eu não sei nada disso. Nunca fui à Igreja, porque nunca tive tempo para esse luxo. Compreende, tinha que ganhar o pão para os meus filhos.

— Sim, compreendo. Os senhores passam a vida a amal-

diçoar a Igreja e os padres; e, agora, em cinco minutos, querem ir para o céu, vestidinhos e calçados. Não serão poucas as infâmias que terá cometido durante a sua vida...

— Não sei, padre. Mas creio que não. Nunca difamei ninguém; além da minha, nunca tive outra mulher. Eduquei bem os meus filhos; nunca menti, nunca roubei, nem um vintêm, sequer. A Igreja não ía, lá isso é verdade, porque...

— Porque você é um ímpio e um sectário de Satanaz. E, deste modo, não se vai para o céu, mas sim para o inferno, onde o esperam, mal feche os olhos. Sem missas e sem sacramentos, sem venerar o Papa, os bispos e lendo jornais herejes, blásfemos e liberáis, não se pode esperar a misericórdia de Deus. O senhor é um incrédulo, e eu nada tenho que fazer aqui... E' inútil que suspire, que choraminge. Tôda uma vida de impunidade não se limpa com uma comédia de confissão. Adeus... Alivie-se como puder.

O padre retira-se. Tibúrcia acerca-se dêle e pergunta:

— ¿ Que tal?

— E' um ateu, um tição do inferno.

A *irmã da caridade* tem um gesto de repugnância e murmura:

— Bem o digo eu: para aqui não vem senão gentalha. Todo o bem que se lhe faz, é um bem perdido...

FRAY GERÚNDIO.

PRÓ-FAMINTOS RUSSOS E CABOVERDIANOS

Por intermédio do camarada José de Sousa, de Penafiel, recebemos a quantia de 8850, proveniente duma *quête* tirada pelo Grupo de Resistência dos Empregados dos Correios e Telégrafos daquela cidade e destinada aos famintos russos e caboverdianos. Satisfazendo o pedido daquele camarada, entregamos a dita importância à Confederação Geral do Trabalho, secção do Norte, para este organismo lhe dar o respectivo destino, publicando, a seguir, o nome dos subscritores, para conhecimento dos interessados:

Serafim Lopes	2350
Anônimo	850
Manuel de Barros	850
Domingos Ferreira	850
José de Sousa	850
Américo Queirós	850
José Guedes Moraes	850
Bernardo Pinto Bessa	850
Vitorino Ferreira Pires	850
Armado Moreira	850
Joaquim Rodrigues	850
Mário da Silva	1800
Soma	8850

APONTAMENTOS...

A grande, a suprema característica dos homens que fazem da política uma profissão, é a incoerência. Mas isto não é de hoje, nem de ontem: vem de há longos anos; — vem do dia em que uns homens, mais audaciosos, e por isso mesmo, mais patifes, se julgaram no direito de, politicamente, governar os seus semelhantes...

Segundo o sr. Manuel José da Silva, expoente máximo das doutrinas socialistas parlamentares na excelsa terra das tripas, os «nossos» homens políticos acabam de cometer uma incoerência muito grande, quiçá, uma ilegalidade, elevando, numa mesma legislatura, duas vezes o seu subsídio, o que é contra o que está expresso na Constituição da República portuguesa.

A nosso ver, e salvo melhor definição, a Constituição da República Portuguesa é um aglomerado de palavras que alguns homens tiraram do respectivo bestunto e a que deram o chamado valor jurídico-legal, — para ser cumprida internamente. Mas como a incoerência é o grande principio que norteia os políticos, nós sabemos muito bem como é que eles cumprem aquilo a que se *comprometem*...

Assim, o que mais se assemelha à Constituição, são os regulamentos internos dos partidos políticos. Esses regulamentos são constituiçõeszinhas a que todos os filiados devem uma *religiosa* obediência. Para isso é que são cadastrados, figurando, por ordem alfabética e de antiguidade, nos competentes livros de registo.

Ora, aqui há anos, o partido socialista aprovou, pela boca dos seus dirigentes e dos seus dirigidos, uma proposta, pela qual, todos os deputados socialistas eram obrigados a contribuir, para o cofre do partido, com uma determinada quantia do seu ordenado mensal.

Tôda-a-gente socialista esperava que o sr. M. J. da Silva, cremos que o primeiro deputado genuinamente socialista português, desse o exemplo de boa ordem e de boa disciplina, puxando pelos cordões à bolsa e deixando tilintar, no fundo do cofre, as primeiras moedas em

conformidade com a resolução dos seus correligionários e amigos políticos.

Mas não sucedeu assim. A relutância do sr. M. J. da Silva foi grande, mesmo muito grande, em abrir a porta, isto é, em tornar num facto práctico o que, na mente dos seus companheiros, bailava, apenas, como teoria...

Num congresso que se realizou no salão do Sindicato dos Caixeiros, ao tempo na rua de Fernandes Tomás, e a que o sr. M. J. da Silva assistiu, houve mosquitos por cordas, em consequência do não cumprimento da resolução. Entre outros, destacou-se o falecido Francisco de Sousa Salgado, que as disse boas e bonitas, chegando a afirmar, como afirma agora o sr. M. J. da Silva, «que, não partindo o exemplo dos de cima, ¿como é que podia haver ordem e moralidade em baixo?»

De como a coisa se resolveu, é que eu não soube. Tenho, porém, quase que a certeza que o referido deputado nunca deu nada dos seus honorários, isto a avaliar pelo *serrote* de que era alvo, e a que eu assistia, indiferentemente, porque nada tinha com o partido.

Agora, volvidos tantos anos, acho estranho que o sr. M. J. da Silva venha a público salientar a incoerência dos políticos, quando êle, como político, não está isento do mesmo pecado. A única diferença que se pode notar entre o procedimento dos políticos de hoje e o procedimento do sr. M. J. da Silva, é esta: os políticos de hoje foram incoerentes — não querendo saber da Constituição — por rechearem mais um pouco as suas carteiras; e o sr. M. J. da Silva, foi incoerente — não se importando com as resoluções do seu partido, nem com os desejos dos seus amigos e correligionários — por não colocar a bolsa à disposição do seu partido. Uns são aváros... para receber; o outro foi aváro... para não pagar...

Em conclusão: a grande, a suprema característica dos homens que fazem da política uma profissão, é, como vemos, a incoerência.

Daqui não há que fugir, meus amigos. É um principio axiomático que se pode observar a tôdas as horas e a todos os instantes.

PEDRO GUIMARÃES.

O papel da imprensa

Na sua última reunião, a Direcção da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, aprovou a seguinte moção:

«Como um dos deveres que a esta Associação impõem os seus estatutos é o de empenhar-se em elevar o nível intelectual e moral da imprensa e reivindicar a justa consideração que lhe é devida, entendendo de tôda a conveniência que neste momento em que um crime de infanticídio está sendo noticiado com exuberante pormenorização, a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Pôrto afirme deverem ser acatados os ditames dos sábios criminalistas que julgam depressiva da moral e perniciosa a influência que nas consciências mórbidas exerce a publicidade pormenorizada dos crimes. O 1.º Secretário da Direcção, Luis Ferreira Gomes.»

Desconhecendo, por completo, os Estatutos desta colectividade — porque nunca nos foi permitido possuir um exemplar — não sabíamos que êsses Estatutos impunham como um dever, a elevação do «nível intelectual e moral da imprensa».

Mas, agora, que já conhecemos êste *bocadinho de ouro*, somos forçados a dizer aos illustres Jornalistas e Homens de Letras, que, neste ponto da elevação moral e intelectual da imprensa, os artigos do seu Estatuto associativo não tem sido cumpridos, e que... jámais o serão.

Em Portugal, a imprensa encontra-se quase tôda ao serviço das castas políticas e das oligarquias financeiras, da policia e dos governos, das hordas reaccionárias e das faúlhas jesuíticas. Poucos são os jornais que têm a coragem de dizer a verdade ao povo. E, desde que assim é, ¿como é que o sr. Luis Ferreira Gomes, o signatário da moção que transcrevemos, quere que se eleve moral e intelectualmente a imprensa?

Segundo o nosso modo de ver, só a independência moral pode determinar a elevação intelectual. E, sendo a imprensa dependente dos que exploram, roubam e martirizam o povo, ¿que moralidade e elevação intelectual podem sair dêsses papéis impressos?

Um tirano é como um porco: lobriga, apenas, o âmbito estreito do seu cortelho. O resto, é como se não existisse. E Portugal é um país de tiranos. E a imprensa está inteiramente ao

MATERIALISMO HISTÓRICO

A queda do Império romano

As imensas fortunas dalguns e a miséria do grande número levaram Roma à ruína completa. O abismo que separava os ricos dos pobres, absorvia tóda a virtude e não exalava senão vícios; e foi neste abismo que o Império se atascou, abominando-se no seu desenvolvimento.

¿Quais foram, pois, as instituições que produziram esta desigualdade de fortunas, causa essencialíssima de corrupção e de ruína? Eis a primeira questão que se apresenta, muito naturalmente, ao enunciado dos factos. ¿Seria o poder excessivo do Senado, ou o da plebe, ou a instituição dos Cônsules? Não foi nada disso. Os destinos dos povos dependem muito pouco das instituições políticas. São as leis de economia social que absorvem tudo, que, no seu turbilhão, comprimem tudo. O direito de propriedade ilimitada, que quer dizer, o direito de possuir para além das necessidades, enquanto que, a outros, faltava o necessário, tal foi a origem da decadência dos Romanos, como já tinha sido a origem da decadência das populações da Grande Grécia. É este um dos factos que ninguém pode negar.

Nos diversos levantamentos, ¿como se comportou o Senado para com a plebe revolta? Quebrava, como podia, o primeiro elo da cadeia; e, depois, brandamente, fazendo algumas promessas, reduzia-a à submissão, porque, como diz Tito-Lívio, referindo-se à plebe—«em conjunto, os plebeus são decididos; mas, quando cada um deles começa a pensar no seu próprio perigo, tornam-se moles e fracos.»

A instituição dos tribunos deu, à plebe, o que lhe faltava: uma cabeça e uma unidade. As suas reclamações não foram vagas: foram nítidas—lei agrária e abolição dos Cônsules. Mas, se as reformas exigidas pelos tribunos atacavam o mal nas suas origens, a plebe estúpida não estava suficientemente convencida disso, e secundava os chefes só até um certo ponto; depois, deixava-se embrulhar pelo alfôrbe dos patricios—porque se contentava com muito pouco—e, algumas vezes, voltava-se mesmo contra os tribunos.

Pela lei agrária, os tribunos queriam defender a igualdade material. Mas, os patricios opposeram-se, com todo o seu poder, a essa reclamação; e, em lugar de se despojarem dos seus privilégios, concederam plena e inteira igualdade política e igualdade moral perante a lei, o que levou Maquiavel a dizer «que os homens renunciavam mais facilmente às honras do que às riquezas.»

Os tribunos queriam limitar a autoridade dos Cônsules; mas, os patricios não lhó consentiram, e deram aos plebeus o direito de ser Cônsules: preferiram, assim, desapossar-se do direito de autoridade do que vê-la limitada. A razão de tal procedimento é evidente: nas duas questões apresentadas, os tribunos combatiam o príncipe, mas os patricios defendiam-no com tóda a sua força, fazendo tódas as concessões para o conservar indemne; e a ignorância da plebe assegurou-lhes a vitória.

¿Quais foram as consequências disso? O direito de propriedade ficou ilimitado; a sociedade dividiu-se em duas classes: uma oligarquia imensamente rica e orgulhosa, e uma plebe imensamente pobre e miserável. E Roma teria sido bem depressa destruída por um tal estado de coisas, se um escoadouro contínuo, as colónias, não lhe tivesse prolongado a existência. Todos os direitos concedidos ao povo na eleição dos magistrados não serviram para nada: a propriedade foi dada aos únicos proprietários, os magistrados; mas estes, por seu turno, procuravam, apenas, aumentar o número dos privilégios.

O princípio de autoridade, sempre embotado, mas nunca destruído, atingiu o seu apogeu: duma casta, passa a uma oligarquia; e, depois, restringindo-se incessantemente ficou nas mãos dum só.

Concluamos, pois:

1.º — O princípio em que se baseia um sistema social transforma e desvia à sua vontade tódas as instituições, mesmo aquelas que são destinadas a aliviar os males que esse mesmo princípio engendra; e, tódas as transformações que, sem esmagar esse princípio, tendem a defender-se, não supõem que os prejuizos dêem novas e mais poderosas armas ao inimigo. Ora os males aumentam até ao infinito, isto é, até que os oprimidos se decidam a abater o princípio, ou a destruir tóda a sociedade.

2.º — A causa capaz de estabelecer uma desigualdade ma-

terial sem limites, levará essa sociedade à ruína; a igualdade moral sem a igualdade material, é um absurdo e uma mentira.

3.º — Não é na concessão do sufrágio nem na sua universalidade que consiste a liberdade; é nas instituições que tendem a limitar a autoridade.

4.º — Se o povo não chegar a conceber, dum modo claro e insofismável o que pretende, as desordens, os motins, são estérteis. E' que, para com o povo, os poderosos hão-de conduzir-se sempre da mesma maneira. Quando um cavalo vos foge, vós procurais amañcá-lo; mas, quando o apanháis, apertais-lhe o freio e fazeis-lhe sentir a dureza das vossas esporas. E' por tais meios que os ricos teem conservado, e continuam a conservar, a sua supremacia e os seus privilégios, apesar da experiência ser conhecida de todos.

(1851).

CARLOS PISACANE.

CORREIO DE "A COMUNA"

AVEIRO—*Alexandre Graça*. Recebemos 5\$00.

ESTARREJA—*Almeida Costa*. Recebemos 5\$00, sendo 3\$20 para a vossa assinatura e o restante para os folhetos.

CASA BRANCA—*António Rosa*. Enviamos cobrança para Escoural.

TIMOR—*Luis A. Nogueira*. Recebemos 27\$00. O almanaque está completamente esgotado.

A ordem burguesa

Há tempos, disseram os diários: «Na Rússia, morre-se de fome; em tóda a Europa se come pouco: milhões e milhões de seres humanos vivem sem poderem saborear um naco de pão. E, afinal, nos Estados Unidos, os celeiros regorgitam de trigo.»

Volvidas algumas semanas, diziam os mesmos jornais: «O sr. Wallace, secretário da Agricultura dos Estados Unidos, acaba de fornecer a seguinte e eloquente comunicação: Nas regiões de grande produção de trigo, estão a usar este cereal como combustível, tanto para cozinha, como para aquecimento. Uma quantidade de trigo que, actualmente, custa 32 centimos, equivale a uma tonelada de carvão que custa 16 dólares.»

E é assim a ordem burguesa: enquanto nós precisamos de trigo para comer, na América entreteem-se a queimá-lo... Bonita ordem!